

ENTRE PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES: A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO PEDAGÓGICO BRASILEIRO

Adriano Rosa da Silva

Mestre e doutorando em História Social na Universidade Federal Fluminense,
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil.
E-mail: adriano.uff@hotmail.com

Introdução

Consoante com Nóvoa (1996), a História da Educação constitui um campo de investigação científica essencial à formação de professores, por possibilitar a análise crítica dos fenômenos educativos ao longo do tempo. Ao examinar continuidades e rupturas nos sistemas de ensino, nas práticas pedagógicas e nas políticas educacionais, essa área contribui para a compreensão das múltiplas determinações sociais, culturais e políticas que moldam a educação em diferentes contextos históricos. Mais do que um repertório de fatos do passado, a disciplina oferece instrumentos teórico-metodológicos que favorecem a construção de uma postura interpretativa diante das transformações educacionais. Nesse ângulo,

a gênese de um pensamento histórico-educativo é indissociável da necessidade que os reformadores do século XIX sentem de dotar os seus esforços educativos de uma história gloriosa, isto é, narrada como uma evolução constante das trevas para as luzes, como um progresso inexorável do passado para o presente e, portanto, para o futuro (Nóvoa, 1996, p. 422).

No âmbito da formação docente, a História da Educação assume papel estratégico ao fomentar uma cultura profissional fundamentada na reflexão histórica, à vista disso, “o ensino da História da Educação esteve, desde sempre, institucionalmente ligado à formação de professores” (Nóvoa, 1996, p. 419). Nessa senda, ao articular passado e presente, a disciplina estimula o desenvolvimento do pensamento crítico, elemento indispensável para que o educador compreenda sua atuação como prática social historicamente situada. Nesse sentido, problematiza-se: de que modo a História da Educação tem contribuído para a consolidação de uma identidade profissional docente e para a construção de um pensamento histórico no campo pedagógico?

A História da Educação, enquanto campo científico consolidado, estrutura-se a partir de referenciais teórico-metodológicos oriundos da ciência histórica, articulando-se, simultaneamente, com diferentes matrizes interpretativas das ciências humanas, como bem reforçam Neves e Costa (2012). Sua constituição epistemológica resulta de um longo processo de autonomização disciplinar, no qual se deslocou de uma perspectiva predominantemente filosófico-normativa para uma abordagem crítica, documental e problematizadora dos fenômenos educativos. Tal deslocamento permitiu que a educação deixasse de ser compreendida apenas como ideal abstrato ou conjunto de prescrições pedagógicas e passasse a ser analisada como prática social historicamente situada, atravessada por disputas políticas, econômicas e culturais. Sobre isso, é importante considerar que

o educador ou o pedagogo, não recebendo formação específica nem em metodologia de pesquisa histórica nem em teorias da História, dificilmente pode tornar-se um historiador, pois, para atender o rigor e o método que o ofício do historiador requer [...] exige-se um crescente entendimento da História da Educação, que deve ser escrita através de pesquisas rigorosas que

obedeçam aos critérios e às exigências da própria ciência da história (Lopes e Galvão, 2001, p. 36).

Sob influência do materialismo histórico, especialmente a partir da segunda metade do século XX, a História da Educação incorporou a compreensão da escola como instituição vinculada às estruturas de poder e às dinâmicas de reprodução e transformação social. Nessa perspectiva, os sistemas educativos passaram a ser examinados como instâncias mediadoras entre Estado, sociedade e cultura, refletindo tensões de classe, projetos ideológicos e interesses hegemônicos. A abordagem marxista e neomarxista contribuiu, assim, para deslocar o foco da narrativa centrada em grandes educadores para a análise das condições concretas de produção das políticas educacionais, das práticas escolares e das experiências dos sujeitos históricos (Lopes; Galvão, 2001).

Paralelamente, a renovação historiográfica promovida pela Escola dos Annales e, posteriormente, pela Nova História Cultural, ampliou significativamente os horizontes investigativos da disciplina. Ao valorizar as mentalidades, as representações, os discursos e as práticas cotidianas, tais correntes possibilitaram a inclusão de novos objetos de estudo, como a cultura escolar, os manuais didáticos, os rituais pedagógicos e as trajetórias de professores e alunos. A educação passou, então, a ser compreendida como fenômeno plural, inscrito em múltiplas temporalidades e atravessado por dimensões simbólicas e subjetivas.

Nesse esquadro, Compère (1995, p. 58), afirma que para “o reconhecimento de uma disciplina universitária ou um campo de pesquisa autônomo, deve-se, primeiramente, proceder a um inventário do conhecimento produzido”. Sob essa ótica, três categorias assumem centralidade na fundamentação teórica da História da Educação: periodização, fontes e relação passado-presente. A periodização deixa de ser concebida como simples divisão cronológica linear e passa a constituir instrumento analítico vinculado ao objeto de estudo. O tempo histórico revela-se heterogêneo, marcado por ritmos distintos, permanências estruturais e transformações conjunturais. Assim, cada investigação delimita sua temporalidade conforme a natureza do fenômeno examinado, superando concepções homogêneas e universalizantes.

Metodologia

O presente artigo caracteriza-se como uma pesquisa de natureza teórica, fundamentada em revisão bibliográfica e análise historiográfica. Em tal pesquisa de caráter descritivo, “os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (Richardson, 2009, p. 70). Foram examinadas produções acadêmicas relativas à constituição da História da Educação como campo disciplinar, sua evolução no cenário brasileiro e suas interfaces com a formação de professores. A abordagem adotada é qualitativa, com enfoque analítico-interpretativo, considerando categorias centrais do fazer histórico, como periodização, fontes e relação entre passado e presente. Nesta via,

encarar a história como operação, será tentar, de maneira necessariamente limitada, compreendê-la como relação entre um lugar (um recrutamento, um meio, uma profissão, etc.), procedimentos de análise (uma disciplina) e a construção de um texto (uma literatura). É admitir que ela faz parte da ‘realidade’ da qual trata, e que essa realidade pode ser apropriada ‘enquanto atividade humana’, ‘enquanto prática’ (Certeau, 2008, p. 66).

Nesse contexto, a investigação buscou compreender a disciplina em sua dimensão epistemológica e institucional, observando suas transformações ao longo do século XX e sua consolidação no âmbito dos cursos de formação docente, tendo em vista que “não é o passado

que ilumina, explica ou justifica o presente, mas que é o presente que dá ao passado uma multiplicidade de sentidos” (Neves; Costa, 2012, p. 119).

Resultados e Discussão

A análise evidencia que a História da Educação percorreu diferentes fases até consolidar-se como área autônoma do conhecimento. Inicialmente vinculada à Filosofia da Educação, predominou, até meados da década de 1960, uma abordagem centrada na exposição de ideias pedagógicas de grandes pensadores, conferindo à disciplina caráter essencialmente normativo e idealista, como apontam Neves e Costa (2012).

A partir das décadas de 1970 e 1980, sob influência do marxismo e das correntes historiográficas associadas à renovação promovida pela chamada Nova História Cultural, observou-se significativa transformação metodológica. A disciplina passou a dialogar com campos como Sociologia, Antropologia e Psicologia, ampliando seus objetos de estudo e incorporando novas perspectivas analíticas.

À luz de Neves e Costa (2012), enquanto campo científico, a História da Educação fundamenta-se em procedimentos específicos, dentre os quais se destacam a definição da periodização, compreendida não como sequência linear e homogênea, mas como delimitação temporal vinculada ao objeto investigado, a problematização das fontes históricas e a articulação entre presente e passado. Reconhece-se que as fontes não constituem representações neutras da realidade, mas produções situadas, carregadas de intencionalidades e condicionadas por interesses sociais específicos.

No contexto brasileiro, a consolidação da disciplina esteve vinculada à institucionalização da formação docente, especialmente no âmbito das Escolas Normais e, posteriormente, com a criação do curso de Pedagogia em 1939. A Reforma Educacional de 1931 introduziu conteúdos históricos nos currículos, fortalecendo a presença da disciplina na formação de professores, conforme Nascimento e Nascimento (2010).

Historicamente, quatro tradições marcaram o ensino da História da Educação: uma perspectiva filosófica centrada nos grandes educadores; uma abordagem institucional e legislativa legitimadora das políticas educacionais; uma vertente de orientação marxista, que enfatizou a dimensão social da educação; e, mais recentemente, uma pluralidade de enfoques voltados à história cultural, intelectual e comparada. Essa diversificação evidencia o amadurecimento epistemológico do campo e sua abertura a novos objetos e métodos.

Quanto às fontes históricas, reconhece-se que estas não representam espelhos neutros da realidade, mas construções sociais permeadas por intencionalidades, silêncios e disputas de sentido. Documentos oficiais, legislações, relatórios escolares, memórias, correspondências e registros iconográficos devem ser analisados criticamente, considerando-se o contexto de sua produção e os interesses subjacentes. Para Manacorda (2006), a crítica documental constitui, portanto, procedimento indispensável à investigação histórica rigorosa.

A articulação entre passado e presente, por sua vez, configura-se como eixo estruturante da disciplina. O estudo histórico não se limita à reconstituição factual, mas visa compreender como experiências pretéritas iluminam problemáticas contemporâneas. Na formação docente, essa articulação adquire especial relevância, pois possibilita ao professor reconhecer-se como sujeito histórico, inserido em tradições pedagógicas e desafiado a reinterpretá-las à luz das demandas atuais. Nos dias de hoje, “há uma diversificação de perspectivas na forma de ensinar a História da Educação e de justificar a sua inclusão nos programas do ensino superior e universitário” (Nóvoa, 1996, p. 420).

Segundo o autor em tela, no cenário brasileiro, a consolidação da História da Educação relaciona-se à institucionalização da formação de professores, especialmente nas Escolas Nor-

mais e, posteriormente, nos cursos de Pedagogia. O movimento de estatização do ensino, a organização dos sistemas nacionais de educação e o processo de cientificação da pedagogia contribuíram para afirmar a disciplina como componente curricular indispensável. Ao longo do tempo, seu ensino transitou por distintas tradições, filosófica, institucional, social e cultural, evidenciando o dinamismo e a complexidade do campo.

Desde o momento em que a instrução tende, embora lentamente, a universalizar-se e a laicizar-se, mudando destinatários, especialistas, conteúdos e objetivos, o “como ensinar” (até as coisas mais tradicionais, como a preparação “instrumental” ou “formal” do ler, escrever e fazer contas) assume proporções gigantescas e formas novas; tanto mais se o problema do método se entrelaça com o problema dos novos conteúdos da instrução “concreta”, que surgem com o próprio progresso das ciências e com sua relativa aplicação prática (Manacorda, 2006, p. 280).

Dessa forma, Nóvoa (1996) assevera que a fundamentação teórica da História da Educação sustenta-se em um diálogo interdisciplinar constante, que envolve a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia, a Filosofia e a Linguística. Tal interlocução amplia as possibilidades interpretativas e reforça o caráter científico da disciplina. Para além da transmissão de conteúdos históricos, seu objetivo maior consiste em formar profissionais capazes de pensar historicamente, isto é, de analisar fenômenos educativos considerando suas múltiplas determinações temporais, sociais e culturais.

Por fim, a História da Educação reafirma-se como campo imprescindível à construção de uma prática docente crítica, reflexiva e historicamente fundamentada, contribuindo para a compreensão das permanências e transformações que moldam o fenômeno educativo ao longo do tempo. Nesse prisma, a História da Educação pode fornecer “aos educadores um conhecimento do passado coletivo da profissão, que serve para formar a sua cultura profissional” (Nóvoa, apud Nascimento; Nascimento, 2010, p. 186).

Conclusões

Ficou patente que a História da Educação se revela componente fundamental na formação docente ao proporcionar instrumentos críticos para a compreensão das práticas pedagógicas em sua historicidade. Longe de oferecer respostas prescritivas, a disciplina favorece a construção de um pensamento historicamente fundamentado, capaz de interpretar a complexidade dos processos educativos. Nesse horizonte de análise, “o historiador longe de tecer considerações moralistas e mecânicas sobre a relação passado, presente e futuro, pode e deve explicá-las, amparado em investigações constantemente refeitas [...] é o presente que dá ao passado uma multiplicidade de sentidos” (Neves; Costa, 2012, p. 7).

Em face do exposto, urge salientar que a consolidação da História da Educação como campo científico resultou de transformações epistemológicas e institucionais que ampliaram seus horizontes analíticos e fortaleceram seu diálogo interdisciplinar. No cenário contemporâneo, marcado por rápidas mudanças sociais e educacionais, é preciso que a História da Educação reafirme sua relevância ao contribuir para a formação de professores conscientes de seu papel histórico, aptos a refletir criticamente sobre as permanências e transformações que configuram a educação em cada tempo e contexto.

Palavras-chave: Historiografia Educacional; Formação Docente; Cultura Escolar.

Referências bibliográficas

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

COMPÈRE, Marie-Madeleine. **L'Histoire de l'éducation em Europe**. Essai comparatif sur la façon dont elle s'écrit. Paris: Peter Lang/INRP, 1995.

LOPES, Eliane Marta Santos Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. História da Educação: Uma disciplina um campo de pesquisa. In: **História da Educação**. Rio de Janeiro. DP&A, 2001, p.25-49.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura Nascimento. NASCIMENTO. Manoel Nelito Matheus. O Lugar da História na Formação do Professor. Campinas: **Revista HISTEDBR**, 2010.

NEVES, Fátima Maria Neves. COSTA, Célio Juvenal. A importância da história da educação para a formação dos profissionais da educação. **Revista Teoria e Prática da Educação**, 2012.

NOVÓIA, António. **História da Educação**: percursos de uma disciplina. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 1996. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.12/3198>>. Acesso em: 19 mar. 2026.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009.



REALIZAÇÃO:



UECE



AINPGP

Associação Nacional de História da Pedagogia